

MEDO E OUSADIA: DESAFIOS PARA UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Maria das Graças Auxiliadora F. Barboza, Café com Paulo Freire Bahia¹

RESUMO: Esta Carta Pedagógica trata da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire e como seu legado me toca profundamente, em especial *Medo e Ousadia*, tanto como pessoa como no exercício de ser-professora.

Palavras-chave: Medo e Ousadia. Docência. Diálogo.

Estimados Paulo e Ira

Após a leitura da conversa entre vocês fiquei tocada e motivada a escrever-lhes, pois não cabe uma leitura única quando nos aproximamos de territórios diversos. Diversidade que produz uma rica e tensa polifonia de saberes, dizeres e valores.

Porque “um mais um é sempre mais que dois,”² aqui estamos para compartilhar dos diálogos sobre a obra *Medo e Ousadia* que tanto nos “toca” e nos provoca reflexões entre o tempo em que a obra foi lançada (1985), e como vocês a interpretariam hoje, ante este cenário de pandemia e o momento político que coloca em xeque nosso processo educativo.

Você, Paulo, que sempre problematizou através da educação libertadora o que diria para nós educadores desafiados da noite para o dia a migrar do ensino presencial para o remoto com uso das ferramentas tecnológicas? Como superar o medo e ousar encarar esse “novo” normal?

Nesse cenário, os docentes estão sendo convocados a reinventar uma nova coreografia de ensino, *uma outra dança didática entre o ensinar e o aprender* (BARBOZA, 2015), explorando diversas geografias, geopolíticas e cartografias, potencialidades inovadoras nos territórios da docência.

¹ Pedagoga (UCB), Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Lisboa, profa. universitária aposentada, autora do Livro: **A aula Universitária: Coreografias de Ensino** (2015) e coordenadora da obra: **Territórios da Docência no Ensino Superior** com Inês Teixeira e Socorro Costa (2017). E-mail: dora.fidelis@yahoo.com.br

² Verso da canção “O sal da terra”, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos.

Posso antecipar que ficaria orgulhoso de perceber como os seus ensinamentos têm ajudado a nós, educadores, a enfrentar os desafios, as tensões, os medos, ousando seguir sua filosofia de manter viva a esperança.

Quanto ao medo, arriscaria dizer, Paulo, que Drummond de Andrade, nos idos de 1940, escreveu o poema “Congresso Internacional do Medo” expressava uma reflexão crítica acerca da falta de esperança que invadia os indivíduos naquela época e que prossegue atualmente.

[...] Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, não cantaremos o ódio porque esse não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas medrosas (2004, p. 16).

Partindo dessa premissa, defendo que a “educação é um ofício de muitos dedicados ao cuidado, a reinvenção da vida” (BARBOZA; TEIXEIRA; COSTA, 2017). É um convite à superação do medo que aporta em diferentes gerações na escola, e que somente através do diálogo o superamos, quando ensinamos e aprendemos.

Aprendi com seus ensinamentos que educação dialógica se faz no coletivo. É partilha do sensível, é pelejar por uma vida melhor e mais bela, para as coletividades humanas tal qual proposto no diálogo entre você e Ira que juntos refletem, reinventam olhares sobre o mundo. Nesse sentido, a pedagogia libertadora resulta em invenções coletivas, sem descuidar das ideias principais, da amorosidade, dos dizeres, dos fazeres, de experiências e vivências particulares de cada sujeito sociocultural. O diálogo libertador inspira e transpira nesta obra. É seu ar e seu lugar na expressão de Barboza e Teixeira (2017).

Vocês propõem muitas questões sem preocupação com que respostas serão dadas ou até mesmo deixando-as em aberto para que cada um possa responder a partir do lugar que ocupa na sociedade, de sua visão de mundo. De que medo e ousadia vocês falam? Por que e para quem falam da pedagogia libertadora e dialógica?

No decorrer da conversa é possível perceber que a pedagogia dialógica faz nascer de novo a esperança de dias melhores e de uma humanidade mais justa e

feliz. Ela renasce nas telas da docência. Pensamos que nossos encontros com a educação libertadora, com o ensino e com a aprendizagem são uma maneira de desfrutar a vida de educadores e educandos. Um esforço vindo de estudos, de conversas, de reflexões, de criações, de projetos. De compromisso, de humildade, sobretudo de amorosidade, como deixam implícito.

Com suas diferentes nacionalidades, proximidade e distâncias, concepções de mundo, apontam os inacabamentos, mas também os limites e as possibilidades de viver a liberdade através do diálogo entre indagações e esperanças. Aqui e acolá, com seus pontos de vista diversos, vocês vão tecendo uma narrativa que torna mais fácil e mais leve pensar e realizar o método dialógico. Mas como você Paulo adverte: É preciso entender o diálogo não apenas como uma técnica para obter melhores resultados. Tampouco como uma tática para fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para manipulação em vez de iluminação.

Vocês apresentam a educação dialógica como possibilidade de ruptura com a educação bancária presente nos dispositivos das culturas historicamente excluídas que necessitam serem resgatadas, reinventadas e constituídas a partir da necessidade humana de significar o mundo em diferentes linguagens e porque não dizer, com outro olhar.

Nessa busca, além do despertar da “consciência ingênua” para a “consciência crítica”, propõem pensar o professor como artista, valorizando a estética da educação, uma vez que nela estão presentes processos de mediação associados às experiências, às sensações e às representações da vida cotidiana em suas nuances híbridas de realidade.

Pergunto: Que lugar a arte, o humor, a alegria ocupam na escola, na sala de aula? Seria este cenário de pandemia a oportunidade de os educadores mostrarem a sua capacidade artística e criadora na medida que precisam prender a atenção dos estudantes com novas coreografias de ensino?

Concordo que a ruptura criativa com a educação passiva é um momento tão estético quanto político, porque exige que os alunos “re-percebam” sua compreensão anterior e que, junto com o professor, pratiquem novas percepções como aprendizes criativos. Talvez nós possamos considerar educadores como dramaturgos, quando reescrevem os roteiros dramáticos da sala de aula, e reinventam roteiros libertadores. Aprecio quando você Paulo adverte que: “A

educação é por natureza um exercício estético. Não entender esse processo nós professores nos tornamos maus artistas” (FREIRE; SHÖR, 1985, p. 145).

Não é demais insistir que o fio condutor da conversa entre vocês é a própria problemática da educação libertadora e dialógica, entrelaçando e impregnando com a diversidade cultural, percebida através da pluralidade de costumes, atitudes, concepções, práticas pedagógicas, entre um e o múltiplo, o singular e o plural, na busca de se interpretar as diferenças culturais entre os grupos sociais tão presentes nesta obra.

Como vocês afirmam, o educador que decide trabalhar com a pedagogia dialógica deve ter claro os objetivos que almejam atingir e a forma como vai conduzir a discussão, se separa aspectos meramente superficiais que denotam uma visão ingênua do mundo ou priorizam uma reflexão mais crítica da sociedade.

Pergunto, a favor de quem ou contra quem os educadores usam sua nova liberdade na condução do ensino e da aprendizagem? Como é que isso se relaciona com os outros esforços para transformar a sociedade?

Tratando-se de um encontro entre dois educadores de diferentes nações (Estados Unidos e Brasil), a conversa entre vocês também sinaliza que a pedagogia dialógica e libertadora, pois não se restringe a um único espaço físico. Ao contrário, deve se esparramar em diferentes lugares e territórios, por situações e contextos sócio-históricos diversos. Nela inventam-se e reinventam os traçados e trançados dos conhecimentos, das dinâmicas e processos simbólicos de leitura e interpretação do mundo, da natureza, da sociedade e da história (BARBOZA; TEIXEIRA; COSTA, 2017).

Um conhecimento e uma docência que, sendo críticos da razão instrumental, exercitam a razão crítica da própria razão: uma razão emancipatória, comprometida com uma escola democrática, que elabora, inventa e reinventa – o conhecimento prudente para uma vida decente - nos termos de Boaventura de Sousa Santos, e uma docência dialógica, fecunda e feliz que contribua com conhecimentos e discernimento a serviço da construção de um mundo possível. Isso é urgente e necessário.

Sem pretensão de finalizar, mas abrir para novos horizontes, reitero que a pedagogia do diálogo nos “toca”, nos provoca e nos convoca a escutarmos outras vozes, outras epistemês, outras possibilidades de pensar, de ver e **transver** o

mundo na expressão de Manuel de Barros. Assim, fiel a sua filosofia Paulo de ESPERANÇAR envio

Um abraço amoroso de Auxiliadora

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos D. **Sentimento do mundo**. 4ª. Ed. São Paulo: Record, 2004.
Acesso em: 19 abr. 2021.

BARBOZA, M. G. A. F. **A Aula Universitária: Coreografias de Ensino**. Curitiba: CRV, 2015.

BARBOZA, M. G. A. F.; TEIXEIRA, I. A. C.; COSTA, Maria do P.S do L. (Org.) **Territórios da Docência no Ensino Superior**. Curitiba: CRV, 2017.

FREIRE, P.; SHÖR, I. **Medo e Ousadia**. Tradução Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento Prudente para uma vida Decente: Um discurso sobre as ciências**. 2a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TEIXEIRA, I.A.C. et al. **Telas da Docência: Professores, professoras e cinema**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017